

## O POVOAMENTO RURAL ISLÂMICO NO *AL-ANDALUS* – ESTADO DA INVESTIGAÇÃO.

THE ISLAMIC RURAL SETTLEMENT IN *AL-ANDALUS*  
– STATE OF RESEARCH.

MARTA ISABEL CAETANO LEITÃO

BOLSEIRA DE DOUTORAMENTO NA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA  
(SFRH/BD/117606/2016). INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E PALEOCIÊNCIAS DA UNIVER-  
SIDADE NOVA DE LISBOA

✉: martaleitao11@gmail.com

ANALES  
DE ARQUEOLOGIA  
CORDOBESA  
NÚMERO 29 (2018)

---

### RESUMO

O presente artigo mostra o estado actual da investigação sobre a organização do território, em Período Medieval Muçulmano, no espaço geográfico que abrange grande parte da Península Ibérica. Pretende-se, deste modo, dar a conhecer as várias abordagens existentes dentro daquela temática, onde se insere as fortificações, os assentamentos rurais e os meios de produção, e fazer uma breve reflexão acerca das várias questões que permanecem pendentes.

**Palavra(s)-chave:** Arqueologia Medieval Islâmica, Território, Povoamento, Fortificações, Estado da Arte.

---

### ABSTRACT

This article shows the current state of the research on the organization of the territory, in the Muslim Medieval Period, in the geographical space that covers much of the Iberian Peninsula. In this way, the aim is to present the various approaches that exist within this theme, including fortifications, rural settlements and the means of production, and to reflect briefly on the various issues that remain open.

**Keywords:** Islamic Medieval Archeology, Territory, Settlement, Fortifications, State of Art.

---

## 1. AS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO

### 1.1 ESPANHA

O conhecimento científico que se tem produzido sobre a organização espacial do povoamento rural em Período Medieval Muçulmano provém, essencialmente, do actual território espanhol,

nomeadamente da Andaluzia e da Região Valenciana. Foi, contudo, nesta última que surgiram os primeiros estudos sobre esta temática, através de investigações realizadas por André Bazzana, Pierre Guichard e Rafael Azuar Ruíz, nas décadas de 70 e 80 do século XX, passando-se, a partir daquele momento, a conhecer um pouco mais a organização do território durante a ocupação islâmica.

Pierre Guichard (1977; 1983) dedicou-se ao estudo do *encastelamento* na região referida, onde constatou igualmente, através do recurso à arqueologia espacial, que haviam dispersos pelo território vários aglomerados rurais ou simples unidades de exploração (casais agrícolas ou granjas) que se organizam em redor de *husun*. Das suas investigações resultaram vários trabalhos, alguns deles de colaboração com os investigadores André Bazzana e Patrice Cressier (1988), de quem falarei posteriormente. Quanto a André Bazzana (1987; 1992) desenvolveu os primeiros estudos sobre o povoamento rural islâmico relacionado ao *encastelamento*, agrupando as estruturas identificadas e associando-as a períodos específicos dentro da cronologia medieval muçulmana. Relativamente a Rafael Azuar Ruíz (1981; 1989a; 1989b; 1994) realizou estudos sobre as fortificações da região de Alicante (Valência), sobretudo na área do Reino de Taifa de Denia que resultaram na identificação de várias fases construtivas para as distintas fortificações encontradas e do povoamento a elas associado.

Thomas Glick (1988; 1995) efectuou, para esta zona, estudos sobre os sistemas de regadio das comunidades campesinas, tal como a investigadora Carmen Trillo San José, de quem falarei adiante, para o Reino Nazarí de Granada. Para a Região Valenciana, im-

porta ainda referir os estudos de Josep Torró (1990; 1998) que estabeleceram uma clara diferenciação para as fortificações, com uma cronologia entre os séculos VIII-IX, localizadas na montanha e no litoral, atribuindo as primeiras à 1<sup>o</sup> *fitna*, enquanto as segundas seriam lugares de concentração de homens e mercadorias, relacionadas com as explorações marítimas, considerando que em ambos os casos, não haveria qualquer vinculação daquelas ao poder estatal.

A investigadora Sonia Gutiérrez Lloret realiza, em 1996, um estudo sobre a Cora de Tudmir onde, mediante a análise da cultura material, a autora dá a conhecer a história de Tudmir (províncias de Alicante, Múrcia, Albacete e Almería) desde a Antiguidade Tardia até ao Período Islâmico, através das várias formas de implantação daqueles povos no território, assim como dos processos de aculturação e dos sistemas produtivos e comerciais (Gutiérrez Lloret, 1996). Importa ainda destacar o seu mais recente trabalho, por si coordenado, juntamente com Ignasi Mira, onde constam uma série de artigos sobre os espaços domésticos e de uso social dos estabelecimentos rurais islâmicos: *De la estructura doméstica al espacio social. Lecturas arqueológicas del uso social del espacio* (2013).

Por último, queria ainda referir os estudos efectuados por Pedro López Elum e José Ramón García Gandía. O primeiro realizou escavações na Torre Bufilla de Bétera (Valência) que permitiram conhecer os vários hiatos de ocupação (López Elum, 1994). O segundo realizou trabalhos arqueológicos na Partida de l'Almiserà (Villajoyosa, Alicante) durante os anos de 2002/2003, nomeadamente nos sítios Tossal de l'Almiserà, Foietes de

Dalt, Alfarella, Mezquita e Necrópolis de l'Almiserà contribuindo, deste modo, para o conhecimento do povoamento rural islâmico no *Sharq al-Andalus* (Gracia Gandía, 2005).

No que respeita à Andaluzia, nomeadamente na região de Granada são de destacar as investigações levadas a cabo por Patrice Cressier e Antonio Malpica Cuello. O primeiro para além dos trabalhos realizados com os investigadores André Bazzana e Pierre Guichard, já referidos anteriormente, dedicou-se, igualmente, nos anos 80 do século XX, ao estudo das fortificações Almóadas e Nazarís da zona de Alpujarra (província de Granada e Almería) numa perspectiva espacial e político-administrativa (Cressier, 1984a; 1984b; 1992a; 1992b). Relativamente a Antonio Malpica Cuello, trata-se dos investigadores que mais tem contribuído para o conhecimento do mundo rural islâmico na zona de Granada, onde se destaca os estudos sobre o ordenamento do território e os vários modelos de povoamento. É director do grupo de investigação designado *Toponimia, Historia y Arqueología del Reino de Granada*, surgido em 1989, onde se inclui uma série de produções científicas da sua autoria (Malpica Cuello, 1996; 2003; 2014).

Alguns dos investigadores que integram este grupo tem contribuído igualmente para o desenvolvimento desta temática, sendo de destacar os trabalhos de Carmen Trillo San José (2003a; 2003b; 2004) que se focam essencialmente nas técnicas agrícolas e dos sistemas de irrigação do mundo Nazarí, contribuindo bastante para o conhecimento das várias áreas agricultáveis que seriam dominadas pelas alcarias. Envolvendo esta temática económica e social encontra-se também os trabalhos desenvolvidos por Miquel Barceló

(1988; 1989), juntamente com os estudos de Thomas Glick para a zona de Valência, já enunciados, que terão sido o ponto de partida para os trabalhos desenvolvidos por Carmen Trillo San José.

Integram ainda o grupo referido, Miguel Jiménez Puertas, José María Martí Civantos e José Cristóbal Carvajal López. O primeiro realizou um estudo sobre o povoamento de Loja (Granada), desde a Antiguidade Tardia até à conquista castelhana (séculos V-XV), a partir de prospecções que o mesmo efectuou, com o auxílio da documentação escrita e da toponímia que resultaram na sua tese de doutoramento (Jiménez Puertas, 2002a). O segundo realizou alguns trabalhos sobre as técnicas construtivas das fortificações de Granada, assim como alguns estudos em que aquele relaciona o meio físico e o povoamento rural (Martín Civantos, 2002; 2008).

Quanto a José Cristóbal Carvajal López efectuou, no âmbito da sua tese de doutoramento, um estudo sobre o povoamento altomedieval, entre os séculos VIII e XI, na Vega de Granada. Com base na análise das cerâmicas identificadas nos trabalhos arqueológicos, aquele terá constatado que, nos inícios dos séculos VIII e primeira metade do IX, foram criados naquela região os primeiros sistemas de regadio associados a novos assentamentos muçulmanos, tendo-se, contudo, mantendo uma continuidade de ocupação dos povoados de cronologia anterior. A partir de meados do século IX e inícios do X, devido à maior fase de instabilidade ocasionada pela 1ª *fitna*, foram construídas novas fortificações rurais e abandonados os assentamentos anteriores. Já em pleno Período Califal o investigador refere que, devido ao crescimento de *Madinat Ilbira*, o seu en-

torno geográfico teria igualmente conhecido um grande desenvolvimento e esplendor económico, patenteado no desenvolvimento agrícola e surgimento de novas alcarias (Carvajal López, 2008: 383-385).

Por fim, importa ainda citar os importantes estudos de Antonio Gómez Becerra (1998; 2000) sobre as fortificações e o povoamento da costa de Granada que foram o resultado de anos de trabalhos de prospecção, juntamente com a análise das fontes escritas, realização de escavações em alguns dos assentamentos e o estudo da cultura material, permitindo, deste modo, um conhecimento consolidado das comunidades que habitaram na costa.

Na região de Málaga temos os estudos efectuados por Manuel Acién Almansa (1989; 1992; 2001; 2008) sobre os castelos rurais onde, com base nas fontes escritas, assim como das características arquitectónicas e de implantação daqueles, o investigador classifica em diferentes categorias as várias fortificações dispersas pelo território. Para a Serranía de Ronda (Málaga) temos a investigação realizada por José Manuel Castaño Aguilar, onde na sua dissertação de doutoramento procurou, a partir de trabalhos de prospecção superficiais no terreno e análise das cerâmicas recolhidas, traçar a evolução do povoamento naquela região entre o final da Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média (Castaño Aguilar, 2015).

É importante referir também os importantes estudos sobre as fortificações *hafsunies*, designadamente *Turrus Jusayn* e *Munt Nisuna*, na costa ocidental de Málaga, empreendidos por Ildefonso Navarro Luengo, Salvador Bravo Jiménez, Luis Efrén Fernández Rodríguez e José Suárez Padilla (Navarro

Luengo *et alli*, 1998), assim como o estudo realizado, por Emilio Martín Córdoba, Francisco Melero García e Juan Bautista Salado Escaño, sobre o povoamento da Alta Idade Média na Axarquía de Málaga (Martín Córdoba *et alli*, 2016).

Para Jaén temos as investigações desenvolvidas por Tomás Quesada, tendo aquele, através de trabalhos de prospecção e consulta da documentação escrita cristã e árabe, caracterizado o povoamento rural das Serras Subbéticas de Jaén e Granada. Na Campiña daquela região é importante referir os estudos efectuados por Juan Carlos Castillo Armenteros, sobretudo no Período Emiral, onde através de prospecções arqueológicas, trabalhos de escavação em alguns locais identificados, consulta da documentação escrita e toponímia, juntamente com uma metodologia bastante complexa, o autor efectuou uma análise espacial do povoamento daquele território entre os séculos VIII e X, conseguindo estabelecer uma hierarquia entre os mesmos (Quesada, 1994; 1995; 1998; Castillo Armenteros, 1998a; 1998b).

No que diz respeito à região de Córdova destaca-se o estudo de Alfonso Sanchez Romero e Julián Delgado Molina sobre as várias torres e fortificações identificadas no território (Sánchez Romero *et alli*, 1994). Quanto ao povoamento rural islâmico da Campiña daquela zona temos os trabalhos desenvolvidos por Antonio Martínez Castro, assim como as investigações efectuadas por Encarnación Cano Montoro para a região do Priego da referida cidade, onde para além de falar na *madrina de Baguh*, nos séculos VIII e XI, abordou igualmente o povoamento em redor daquela, dando origem à sua dissertação de doutoramento (Martínez Castro, 2003; 2010; Cano

Montoro, 2012). Por último, não poderia deixar de referir os recentes estudos, efectuados por Fernando López Cuevas, sobre as Almunias em torno do núcleo urbano de Córdoba, contribuindo, deste modo, para o conhecimento daqueles palácios rurais (López Cuevas, 2013; 2014).

Para Huelva destacam-se os estudos de Juan Pérez Macías onde, através de prospecções e do estudo da cultura material, procurou analisar os modelos de povoamento na Campiña de Bonares, mostrando, ainda, a organização interna de uma alcaria de cronologia almóada (Pérez Macías, 2002; 2013). Na região de Sevilha temos as investigações efectuadas por Enrique Domínguez Berenjeno para as fortificações Almóadas junto ao Guadalquivir, assim como os trabalhos desenvolvidos por Ahmed Tahiri, que, embora não tenha recorrido às fontes arqueológicas, procurou, partindo das fontes escritas muçulmanas, caracterizar o povoamento rural durante o Reino de Taifa dos Abáidas em Sevilha, assim como as várias técnicas de produção e de exploração agrícola a ele associadas (Domínguez Berenjeno, 2005; 2008; TAHIRI, 2001).

Apesar da maioria das investigações realizadas centrarem-se na região de Valência e Andaluzia, existem igualmente alguns estudos para regiões localizadas mais a norte, nomeadamente nas províncias de Guadalajara e Soria, efectuados por Manuel Retuerce Velasco, Guillermo Garcia Contreras Ruiz e Enrique Daza Pardo. O primeiro realizou importantes estudos sobre as cerâmicas procedentes de Torete em Guadalajara (Retuerce Velasco, 1984) e efectuou, juntamente com Fernando Cobos Guerra, o estudo das fortificações islâmicas e cristianas no Alto Douro

(Retuerce Velasco y Cobos Guerra, 2004). O Segundo realizou, no âmbito da sua tese de doutoramento, investigação sobre a organização do povoamento nos Vales de Henares (Guadalajara), entre os séculos VIII e XII, onde classificou em diferentes categorias os vários sítios arqueológicos identificados nos trabalhos de prospecção, mediante as suas localizações topográficas, existência ou não de estruturas defensivas, tipologia das cerâmicas, procurando ainda estabelecer as suas relações com os espaços produtivos e os recursos naturais potencialmente exploráveis (Contreras Ruiz, 2013).

Quanto a Enrique Daza Pardo efectuou um importante estudo sobre as técnicas construtivas das distintas fortificações reconhecidas em trabalhos de prospecção no sector oriental do centro da Península Ibérica, onde se insere as províncias de Soria e Guadalajara, mas também Madrid, desde o final da Antiguidade Tardia à Plena Idade Média (Daza Pardo, 2015).

Para esta última região mencionada temos os estudos empreendidos por Juan Zozaya, onde através da documentação escrita, toponímia, assim como dos restos arquitectónicos e arqueológicos, procurou realizar um estudo, ainda que genérico, sobre o povoamento islâmico em torno de Madrid, entre os séculos VIII e XI (Zozaya, 2004). Realizou, igualmente, análise da toponímia árabe na região do Vale do Douro (Zozaya, 2005).

Para a região da Estremadura, inserida na Marca Inferior durante o Período Muçulmano, temos os trabalhos desenvolvidos por Bruno Franco Moreno e Sophie Gilotte, que permitiram assegurar a continuidade de ocupação entre o povoamento de Época Tardo-Romana e Período Emiral, bem como o

surgimento de novas fortificações no contexto da 1ª *fitna* com *ibn Marwân al-Jillîqî*, tal como a construção de novos assentamentos, de que é exemplo *Albalat*, durante o Califado até ao seu abandono definitivo após a Reconquista Cristã (Franco Moreno, 2004; 2008; 2011; 2014; Gilotte, 2001 ; 2010 ; 2011).

Para o Vale do Ebro, zona que abrangia a Marca Superior, tal como a região de Aragão localizada a norte daquela, citamos os trabalhos de Philippe Sénac (Sénac, 1988; 1991; 2007; 2012). Para o território de Navarra, temos os estudos de Maria Hernández Charro e Jesús Lorenzo Jiménez. A primeira investigou as transformações ocorridas na *medina* de *Tudela*, assim como o seu espaço envolvente, antes da conquista cristã, enquanto o segundo efectuou, através da fotografia aérea e cartografia, análise dos parcelários e espaços de regadio contribuindo, desde modo, para conhecimento dos espaços produtivos na região mencionada (Hernández Charro, 2006; 2007; Lorenzo Jiménez, 2006). Este último investigador realizou ainda, através da leitura das fontes escritas, estudo sobre os *husun* dos *Banu Qasi*, tendo também, juntamente com José Angel Lecanda Esteban e Ernesto Pastor Díaz de Garayo, efectuado estudo sobre as torres circulares no Alto Ebro (Lorenzo Jiménez, 2007; Lorenzo Jiménez *et alli*, 2008).

Na extremidade leste da Península Ibérica, onde se localiza a actual Catalunha, temos os trabalhos de Ramon Martí sobre as torres de vigia situadas na zona oriental (Martí, 2013), tendo aquele realizado, de igual modo, juntamente com Joan Negre Pérez, estudo acerca das fortificações e edifícios de prestígio na região de Tortosa (Tarragona) (Martí y Negre Pérez, 2014).

Para além das investigações desenvolvidas no continente espanhol, importa ainda referir os estudos realizados na Ilha de Maiorca (arquipélago das Ilhas Baleares), localizada a leste de Espanha e que durante a época muçulmana estaria integrada no *Sharq al-Andalus*. Aqueles trabalhos foram efectuados por Daniel Albero Santacreu onde, nas suas publicações, procura abordar a organização espacial do povoamento islâmico em Qalbiyan, topónimo assim designado nas fontes árabes, desde a sua conquista em 902 até 1229 (Albero Santacreu, 2011).

## 1.2. PORTUGAL

Ao contrário do território espanhol, onde já começa a haver alguns estudos sobre povoamento rural muçulmano, no actual território português encontra-se praticamente tudo por fazer, sendo ainda muito poucas as investigações realizadas sobre a organização do espaço em Período Islâmico. Entre os estudos existentes sobre o tema destacam-se os trabalhos de prospecção efectuados na região de Mértola, por James Bonne (1992; 1993), onde foram identificados um grande número de povoados que permitiram dar a conhecer a organização do espaço daquela região, tendo-se ainda realizado escavações na Alcaria Longa. No Algarve Oriental é de destacar a investigação desenvolvida pela Helena Catarino onde, através da realização de prospecções, a investigadora fez um levantamento do povoamento rural disperso pelo território, deste a Antiguidade Tardia até à Reconquista Cristã da região, procurando traçar a sua evolução no espaço e tempo. Efectuou ainda escavações arqueológicas nas alcarias e fortificações rurais de Castelo Velho de Al-

coutim, Paderne, Salir e Relíquias (Catarino, 1997/1998).

Para a região de Silves temos os estudos realizados pela Rosa Varela Gomes. Aquela investigadora aborda alguns sítios rurais na área de influência da cidade identificados durante trabalhos de prospecção que a mesma realizou. Efetuou, de igual modo, intervenções arqueológicas na Almunia do Castelo Belinho (Portimão), entre os anos de 2004 e 2005, constituído o primeiro assentamento rural desta tipologia, identificado e intervençionado, no actual território português (Gomez, 2002; Gomez y Gomes, 2013a).

Para além disso, realizou o estudo juntamente com Carlos Tavares da Silva, das intervenções arqueológicas realizadas por aquele último na fortificação rural de Aljezur, entre os anos de 1990 a 1997, onde se pôde constatar uma ocupação islâmica nos séculos XII-XIII (Gomez y Silva, 2001). Executou ainda, no ano de 2001, escavações arqueológicas nesta mesma região, nomeadamente no assentamento de pescadores na Ponta do Castelo de Aljezur e, entre 2007 e 2009, na Torre de Odeceixe, estruturas igualmente datadas dos séculos XII-XIII (Gomez y Assunção, 2001; Gomez y Gomes, 2013b). Ainda na região do Algarve, temos a investigação desenvolvida por Luís Campos Paulo sobre o *hisp* de Tavira, onde são citadas igualmente algumas torres atalaia que protegiam a costa, como é exemplo a Torre de Bias no concelho de Olhão (Paulo, 2006).

É importante mencionar, igualmente, as intervenções arqueológicas, inseridas em projectos de investigação, que revelaram cerâmicas de cronologia islâmica e, em alguns casos, também estruturas da referida época. Na região da Beira, designadamente

no Castelo de Belmonte, foram realizadas intervenções arqueológicas, entre 1992 e 1995, sob a direcção de António Augusto e Cunha Marques, que colocaram a descoberto restos de estruturas habitacionais, quatro silos e algumas cerâmicas islâmicas datadas dos séculos XII-XIII (Marquez, 2000: 280). No Castelo de Trancoso, mencionado no *Al-Muqtabis* V de *Ibn Hayyan* como *Tarankûsa*, foram exumadas, durante as escavações arqueológicas aí realizadas a partir de 2006, cerâmicas islâmicas enquadráveis nos séculos VIII e XI (Ferreira *et alii*, 2012: 16-19).

Na cidade de Tomar, distrito de Santarém, foi descoberta uma moeda árabe, datada de 711. Também no castelo foram colocados à vista tramos de muralhas, torre quadrangular e estruturas habitacionais de época islâmica. O espólio recolhido possui uma datação entre os séculos IX e XII. Nos arredores da cidade, nomeadamente na Gruta do Caldeirão, foram exumados alguns fragmentos de cerâmicas muçulmanas com uma cronologia entre os séculos XI-XIII (Silva *et alii*, 1997: 315-319; Ponte *et alii*, 2002: 423-438). Seguindo em direcção a sul, nomeadamente em Vila Franca de Xira, distrito de Lisboa, no povoado do Alto do Senhor da Boa Morte, registou-se a presença de cerâmicas islâmicas datadas dos séculos IX ao XII (Banha, 1998: 75-109).

Escavações ocorridas no Alto da Vigia (Sintra), entre os anos de 2008 e 2016, sob a direcção de Alexandre Gonçalves, colocaram a descoberto um conjunto de salas, existindo numa delas um *mihrab*, possivelmente pertencentes a um *ribat* que ali teria sido construído para defesa da costa. As cerâmicas exumadas abrangem uma cronologia entre os séculos IX e XII (Borges, 2017: 29-31). Es-

tão ainda referenciadas algumas necrópoles nesta região, nomeadamente: Telhal, Tapada Inhaca e Granja dos Serrões, assim como em Cascais: Arneiro, Rossio, Pelado, Murches, Talaíde e Manique (Bugalhao y Fernandes, 2012: 79). No centro histórico de Oeiras, na designada Rua Alcássimas, foram exumadas cerâmicas islâmicas datáveis dos séculos X e XI (Fernandes *et alii*, 2009: 97-116).

Na Península de Setúbal, designadamente na região de Palmela, teve início, em 1996, a primeira escavação no Alto da Queimada, sob a responsabilidade da investigadora Isabel Cristina Fernandes, onde se identificou um conjunto de estruturas formadas por muros de blocos irregulares, ligados entre si por argamassa, e estruturas de habitat. Face a estes achados criou-se, em 1998, o projecto intitulado: *Muçulmanos e Cristãos na Península da Arrábida: O castelo de Palmela e a ruralidade envolvente*, sob a direcção da mesma investigadora, que permitiu dar continuidade às escavações no Alto da Queimada, entre os anos de 1999 a 2005, onde se constatou que se estava na presença de uma alcaria islâmica, todavia com uma ocupação na Proto-Histórica e Período Romano, habitada durante o Emirato e Califado até pelo menos ao início das primeiras taifas, tendo sido abandonada após essa altura. As escavações permitiram identificar dois complexos habitacionais de planta rectangular, estruturas de armazenamento e uma sala de orações (Fernandes, 2004: 48-67).

Ao abrigo do mesmo projecto, tendo em vista completar a carta arqueológica do concelho e compreender a paisagem rural nos arredores do *hisn* de Palmela, efectuaram-se trabalhos de prospecção, entre os anos de 2005 e 2006, onde se identificou novos

arqueossítios de cronologia muçulmana, correspondentes a abrigos e possíveis alcarias. Na Lapa do Fumo foram recolhidos quirates do século XII, cunhados em Beja e Silves, e dirhams almóadas, assim como cerâmicas com uma cronologia entre os séculos X e XII (Carvalho y Fernandes, 1996: 21-23; Fernandes y Santos, 2012: 13-23).

Também na Lapa do Forte do Cavalo foram exumadas cerâmicas Tardo-Romanas e dos Períodos Emiral e Califal. Na Azóia, perto do Cabo Espichel, foi encontrado uma epígrafe e fragmentos de cerâmica emiral, enquanto no Porto da Baleeira foram recuperados fragmentos de cerâmicas datáveis entre os séculos IX e XI (Carvalho 2009: 183-187). No Castelo de Coina-a-Velha foram recolhidos fragmentos de cerâmica enquadráveis nos séculos X e XII (Fernandes, 2004: 57-58).

Seguindo para sul, já em pleno Alentejo, particularmente nos arredores de Alcácer do Sal, nas proximidades da aldeia de Santa Catarina de Sítimos foram encontrados, junto de uma torre em taipa, fragmentos de material de construção, como restos de taipa e telhas e cerâmicas islâmicas tardias, atribuídas aos séculos XII/XIII. Não muito longe da cidade, nomeadamente na freguesia do Torrão, junto do Convento de Nossa Senhora da Graça, foram identificados em 2006, um muro em alvenaria e taipa e nas proximidades do edifício, fragmentos de cerâmica de cronologia califal, dos Reinos de Taifas e do Período Almorávida (Carvalho, 2007a: 4; 2008: 20).

Escavações realizadas no Castelo de Serpa por António Soares, assim como na *villa* romana da Cidade das Rosas identificada nas imediações, permitiram exumar um conjunto de materiais islâmicos, datados entre os sé-



culos X e XII, que foram estudados por Manuel Retuerce (Soares y Braga, 1986: 167-198; Retuerce Velasco, 1986: 85-92). Na *villa* romana da Cegonha (Vidigueira) foram realizadas várias campanhas de escavação, sob a direcção dos arqueólogos Maria Lopes e Rafael Alfenim, que colocaram a descoberto silos e lareiras contendo espólios datáveis dos séculos X e XII, os quais encontram-se a aguardar estudo (Lopes y Alfenim, 1994: 499). Escavações ocorridas nos anos 80 e 90 no Castelo de Noudar (Barrancos), primeiramente sob a direcção de Cláudio Torres e, posteriormente, Miguel Rego, permitiram constatar dois níveis de ocupação durante o Período Islâmico, um datado dos séculos X-XI e outro dos séculos XII-XIII (Rego, 2003: 73-74).

No Castelo da Juromenha (Alandroal) foram igualmente realizadas intervenções arqueológicas, sob a direcção de Fernando Branco Correia e Christophe Picard, que, apesar de não atingirem os níveis plenamente islâmicos, permitiram exumar cerâmicas que atestam uma ocupação na referida época com uma cronologia entre os séculos X e XII (Correia y Picard, 1992: 82-85). Situação semelhante ocorreu no Castelo de Montemor-o-Novo onde as escavações arqueológicas aí realizadas desde 2002, por Manuela Pereira, ainda que não tenham atingido níveis muçulmanos, forneceram fragmentos de cerâmica, que do ponto de vista decorativo, são claramente islâmicas e inserem-se numa cronologia entre os séculos XI e XIII (Pereira, 2012: 125-127).

Na região de Odemira foram intervencionados, entre 2002 e 2008, sob a direcção de Jorge Vilhena e Mathieu Grangé, o Cemitério Municipal/Várzea da Salamoia, o Cerro

do Castelo das Bouças e o Cerro do Castelo de Vale dos Gaios. No primeiro arqueossítio, situado a pouca distância do núcleo amuralhado do Cerro do Castelo de Odemira, foram identificadas um conjunto de estruturas negativas pertencentes a estabelecimento rural e que estariam relacionadas com actividades artesanais, tendo sido, posteriormente, utilizadas como lixeira doméstica, onde se recolheu abundante espólio cerâmico. A continuidade dos trabalhos colocou a descoberto um silo e uma fossa onde se exumou novamente cerâmicas de cronologia islâmica e, cujos materiais, que ainda se encontram por estudar, apontam para uma datação no século IX. No Cerro do Castelo das Bouças recolheram-se fragmentos de cerâmicas muçulmanas, mas com datações imprecisas, ao contrário do Cerro do Castelo de Vale dos Gaios que permitiu aferir uma ocupação no século IX e, seguidamente, nos séculos X-XII (Gómez Martínez *et alii*, 2012: 116-117).

Ainda no Alentejo, em Almodôvar, no *hisp* de Mesas do Castelinho, realizaram-se intervenções, entre 2003 e 2012, por Amílcar Guerra e Carlos Fabião, constatando-se uma ocupação naquele sítio desde a Idade do Ferro até ao Período Islâmico, designadamente durante o Califado e Reinos de Taifas, conforme comprovaram os materiais aí exumados (Guerra y Fabiao, 1993: 99-100).

Por fim, na região do Algarve, nomeadamente em Alcoutim, na Aldeia dos Mouros, na povoação de Vaqueiros, Teresa Gamito realizou intervenção arqueológica que permitiu reconhecer estruturas habitacionais pertencentes a uma alcaria que terá sido ocupada, numa primeira fase, entre os séculos IX e XIII e, numa segunda, entre os séculos XIII e XIV/XV (Gamito, 1994: 545-563). Em Vale

do Bôto (Castro Marim) efectuaram-se escavações arqueológicas, no ano de 1981, sob a direcção de Helena Catarino e Victor Gonçalves, que colocaram a descoberto, para além de uma necrópole, um conjunto de espólio cerâmico com uma cronologia entre os séculos VIII e XIII (Catarino *et alii*, 1981: 9-28). Na cidade romana de Balsa (Tavira) recolheram-se cerâmicas de cronologia islâmica (Nolen, 1994: 161-166). Em Monchique, no Castelo de Alferce, as intervenções revelaram uma ocupação desde o Bronze Final ao Período Emiral, enquanto no Castelo da Nave foram recolhidas cerâmicas com uma cronologia entre os séculos X e XII (Gonçalves, 2012: 165-166).

Para além daquelas, foram ainda realizadas intervenções de emergência no âmbito da construção de grandes obras públicas, como é exemplo o Castelo de Leiria, cujas escavações arqueológicas colocaram a descoberto cerâmicas que apontam para uma cronologia nos Períodos Emiral e Califal (Lopes, 2001: 33). Também nas intervenções realizadas no Castelo da Sertã, sob a direcção de Carlos Batata, exumaram-se cerâmicas datáveis dos séculos X e XI (Batata, 2000: 435-437).

Em Torres Vedras, distrito de Lisboa, registou-se a presença de cerâmicas islâmicas com uma cronologia entre os séculos X e XI, exumadas em silos nos Paços do Concelho (Luna y Cardoso, 2002: 252). No povoado de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira) recolheram-se, em contextos habitacionais e estruturas de armazenamento, cerâmicas dos Períodos Emiral/Califal e Taifas (Batalha, 2009: 121-130). Em Loures, designadamente na *villa* romana de Frielas, foram recolhidos, no interior de dois silos, fragmentos de cerâmicas islâmicas, assim como no Casal

do Mortal (Silva y Barbosa, 2003: 114- 117; Neves *et alii*, 2009). Na *villa* romana do Alto da Cidreira (Cascais) foram exumadas, simi-larmente no interior de estruturas de armaze-namento, cerâmicas islâmicas com uma cro-nologia entre os séculos VIII e XI (Bugalhao e Fernandes, 2012: 77).

Também em Sintra, nas *villae* romanas de São Miguel de Odrinhas, Granja dos Ser-rões e Santo André de Almoçageme, foram encontradas cerâmicas islâmicas com uma datação entre os séculos VIII e XI. Nos ar-redores daquela cidade foram, ainda, reco-lhidos fragmentos de cerâmicas do Período Califal e das Taifas em Colares, enquanto na Tapada do Inhaca, apesar da ausência de re-ferências a espólio cerâmico, foram identifi-cados contextos islâmicos habitacionais e de armazenamento (Coelho, 2006/2007: 119-142; Bugalhao y Fernandes, 2012: 77).

Na cidade de Setúbal, nomeadamente na Praça do Bocage, foram identificadas ce-râmicas islâmicas, em associação com silos, com uma cronologia entre os séculos IX e XII. Também na Rua Fran Pacheco encontra-se publicada referência a uma panela, de per-fil em S, do Período Emiral (Soares, 2002: 250; Carvalho, 2007b: 311-317). Escava-ções arqueológicas ocorridas no Castelo de Sesimbra, sob a direcção de Luís Ferreira, permitiram recolher um conjunto de peças datadas do século XII, sendo a presença is-lâmica atestada na praia envolvente logo a partir do Emirato (Ferreira, 2009: 26-30).

Na região do Alentejo e Algarve importa mencionar, ainda, as intervenções de emer-gência realizadas nos Alcariais dos Guerreiros (Almodôvar) que revelaram um conjunto de habitações com pátio central e, cujo espólio exumado, possui uma datação entre os

séculos IX e XIII (Melro *et alii*, 2004: 65). No troço médio do vale do Guadiana, na área situada entre o rio Degebe e Guadiana, as intervenções arqueológicas de alguns sítios rurais, de reduzida dimensão, revelaram cerâmicas de cronologia islâmica, designadamente no sítio Monte Roncanito 13, Monte Roncanito 14, Monte Roncão 13, Monte Roncanito 10, 10B e Monte Roncanito 18 (Gomes, 2011: 105-109). Aqueles últimos locais intervencionados foram estudados por João António Marques, no âmbito da sua tese de doutoramento, onde o mesmo constatou uma continuidade de ocupação nos povoados rurais desde a Antiguidade Tardia até ao Período Emiral (Marques, 2016).

Verificou, igualmente, a partir da análise das cerâmicas exumadas, que alguns dos arqueossítios mantinham reduzidas relações de intercâmbio com os meios urbanos mais próximos, como é exemplo o Monte do Roncão 13. Por outro lado, outros sítios intervencionados, como o Monte Roncanito 10B, mostram um panorama distinto, onde há um predomínio de cerâmicas vidradas, fabricadas a torno rápido com cozedora oxidante, evidenciando os laços comerciais com os núcleos urbanos das redondezas (Grilo *et alii*, 2014: 239).

Na Alcaria da Portela (São Bartolomeu de Messines) as escavações arqueológicas ali efectuadas comprovaram uma ampla diacronia de ocupação, entre os séculos VIII e XIII, tendo-se reconhecido a área de habitat e necrópole (Pires *et alii*, 2003: 305). Na Alcaria de Arge (Portimão) identificou-se uma habitação com pátio central em torno da qual se distribuíam cerca de vinte compartimentos que se achavam em associação com onze silos. Foram exumadas cerâmicas

enquadráveis nos séculos XII-XIII (Sabrosa *et alii*, 2005: 205-211). Na Alcaria de Alvor (Portimão), com ocupação desde a Idade do Ferro, recolheram-se cerâmicas do Período Emiral (Gamito, 2007: 86).

Escavação arqueológica ocorrida em Barradas de Odiáxere (Lagos) colocou a descoberto um complexo habitacional, um tanque e um conjunto numeroso de fossas com tipologias diversas, que poderão ter pertencido a casal agrícola ou alcaria, e onde se exumou peças de cronologia islâmica datadas dos séculos VIII-IX (Silva e Silva, 2005: 78-93). No Monte Canelas (Lagos) foram realizadas intervenções que permitiram descobrir zona habitacional e estruturas negativas. Naquelas recolheu-se cerâmicas datáveis entre os séculos X e XII (Moran *et alii*, 2005: 133-156).

No Barranco da Alcaria (Aljezur) colocou-se a descoberto quatro silos associados a zona de habitat, assim como cerâmicas islâmicas que abrangem uma cronologia desde o século VIII ao XII (Silvério, 2001: 51). Nos Alcarias de Odeleite (Castro Marim), cujas cerâmicas evidenciam uma ocupação entre os séculos XI e XIII, descobriu-se estruturas habitacionais, nomeadamente seis casas com pátio central, uma das quais com latrina, assim como estruturas ligadas às actividades agro-pastoris, designadamente um cercado, currais e silos (Santos, 2007: 571-583). Também no Poço da Hortinhola (Olhão), durante a limpeza daquela estrutura que fazia parte de uma alcaria, foram descobertas cerâmicas islâmicas datáveis dos séculos IX-X, assim como alcatruzes, que terão sido estudados por Mário Varela Gomes (Gomes, 1998: 40-41).

---

## 2. PROBLEMÁTICAS EM TORNO DA TEMÁTICA

---

Uma das problemáticas actuais relacionadas com a organização do território no Período Muçulmano diz respeito à sua transição de Época Tardo-Romana ou Visigótica-Bizantina para a Época Islâmica, não se conhecendo, se houve ou não, de facto, uma alteração significava da organização do espaço ou, se pelo contrário, aquele manteve a mesma configuração com a instalação das primeiras comunidades muçulmanas.

Pensa-se, contudo, que o povoamento não sofreu grandes mudanças tendo continuado a ser ocupadas as antigas *villae* romanas e alguns espaços de altura datados de época visigótica, conforme se verifica em alguns sítios prospectados no Algarve Oriental, mas também no Alto da Queimada em Palmela, Mesas do Castelinho em Almodôvar ou, até mesmo, no *Sharq al-Andalus* nomeadamente na região de Valência e no território da cidade de Loja em Granada (Bazzana, 1994: 11-12; Catarino, 1997/1998: 552-553; Jiménes Puertas, 2002a: 121; Gomes, 2011: 101), embora este padrão possa não ter sido similar em todas as regiões do *al-Andalus*, havendo em algumas zonas uma certa descontinuidade entre o povoamento Tardo-Romano e Emiral, conforme se verifica no Vale do Rio Castril em Granada (Malpica Cuello, 2000: 289).

Ainda assim, são muito poucas as intervenções arqueológicas em sítios rurais, assim como a publicação dos seus resultados, tal como trabalhos de prospecção para que se possa compreender realmente quais foram as modificações ocorridas durante os séculos VIII e IX. Tarefa mais complicada é, dados os

aspectos enunciados, reconhecer no terreno e fazer a distinção entre assentamentos berberes, árabes e de populações autóctones, embora a análise da toponímia tenha aqui um papel essencial nessa caracterização, sobretudo quando surgem topónimos de origem clânica iniciados por *Bem*, *Ben* ou *Banu*, associando-se claramente à presença de clãs berberes (Zozaya, 2005: 39).

Por outro lado, não conhecemos de que modo as várias oscilações políticas ocorridas nas cidades, desde o início da permeância islâmica até ao seu final, terão influenciado os espaços rurais e os quotidianos das comunidades campesinas que neles habitavam. Certamente terão implicando uma reestruturação do território, através do deslocamento dos povoados da sua área inicial de implantação geográfica, e o surgimento de novas estratégias de apropriação do espaço, tanto por parte dos camponeses, como do poder central, todavia, somente a arqueologia, poderá vir a elucidar-nos sobre esta questão. De um modo geral, sabe-se que a partir dos séculos X e XI, com a instalação do poder califal e reinos de taifas, começa a haver um reordenamento do território com a construção de novas fortificações e alcarias implantadas em sítios distintos, sem continuidade de ocupação, encontrando-se este aspecto bem documentado para a região de Valência e Algarve Oriental (Gomes, 2011: 103; Azuar Ruiz, 2013: 97).

Com a chegada das comunidades magrebina, nomeadamente os Almorávidas e Almóadas, e com o avanço da Reconquista Cristã, dá-se o abandono definitivo de alguns povoados implantados em zonas planas e com anterior ocupação romana, assim como de alguns *husun* de época omíada. A popu-

lação que outrora se encontrava dispersa em pequenos casais e aldeias, concentra-se nesta fase em grandes alcarias fortificadas, muitas delas protegidas por uma torre de vigia, construída em taipa, situada na zona mais elevada, como é exemplo a Alcaria de Torre de Bufilla em Valência e o Castelo de Salir em Loulé, no distrito de Faro (López Elum, 1994: 189; Catarino, 1997/1998: 562).

Porém, apesar do referido, não sabemos, devido à ausência de estudos na temática numa perspectiva diacrónica, onde se insere todo o âmbito cronológico da história do *al-Andalus*, se o mesmo ocorreu em outras regiões do espaço ibérico.

Do ponto de vista territorial é importante reflectir sobre o número de *aqalim/alfozes* de cada capital de *kura*, que estariam subordinados aos *husun* ou núcleos urbanos de menor dimensão, assim como a extensão dos territórios que por eles seriam dominados. A análise do território e da paisagem numa perceptiva espacial, com todos os seus elementos integrados, desempenha aqui um papel fundamental na procura de respostas.

Outra problemática persistente tem a ver com o desconhecimento relativamente às unidades de povoamento destas mesmas comunidades. Este aspecto verifica-se na maioria das designações atribuídas, até ao momento, aos sítios arqueológicos identificados em prospecções superficiais no terreno – Povoado/Alcaria (*qarya*) – não sendo claro, a que identidade populacional se faz referência, ao usar o referido termo (Pérez Aguilar, 2013). Esta situação coloca-nos perante um problema quando nos debruçamos no estudo da organização do território que é, a dificuldade em estabelecer uma hierarquização política do mesmo, assim como as re-

lações entre as várias partes que o compõem, podendo-se ainda, deduzir em erro, alguns aspectos relacionados com os modelos de povoamento, no momento em que se tenta atribuir uma caracterização àqueles, dado que dois ou mais sítios arqueológicos identificados poderão fazer parte de uma mesma entidade.

A ausência de intervenções arqueológicas, na maior parte destes sítios identificados, impossibilita o conhecimento destas realidades, dificultando, por isso, a sua categorização. Este problema levou alguns investigadores, como Antonio Malpica Cuello (1999: 148), a referir que “*se hace necesario un análisis descriptivo a la hora de abordar el estudio del paisaje en Al-Andalus*”. Em trabalhos mais recentes o mesmo autor volta a abordar esta problemática, enunciando alguns aspectos, já referidos, ao afirmar que: “*los arqueólogos aún no han pasado de un primer nivel de reconocimiento de las realidades más elementales y carecemos, por lo demás, de actuaciones arqueológicas que permitan un conocimiento más denso de las alquerías*” (Malpica Cuello, 2006: 200).

Por outro lado, a análise das fontes escritas muçulmanas não possibilitam definir claramente as várias unidades existentes, uma vez que uma terminologia não tem uma única definição concreta, podendo ainda sofrer modificações ao longo do tempo, ou seja, poderá ter um significado numa determinada época, enquanto noutra já terá outro sentido completamente diferente ou, ainda, várias definições num mesmo período. As designações indicadas nas fontes não devem, por isso, ser entendidas pelo investigador possuindo sentido único, dado que, como nos diz Virgílio Enamorado: “*en una misma fuente un térmi-*

*no puede significar en distintos paisajes conceptos también distintos.*" (Malpica Cuello, 1996: 37).

Verificamos este aspecto em relação ao conceito *hisn*, sobretudo para o Período Omíada, onde se reconhece no *al-Andalus* uma quantidade de várias fortificações distintas e que poderão ser consideradas *husun* (plural de *hisn*), como são o caso dos *husun* – refúgio e *husun* complexos, ou ainda, os *qilá* (plural de *qal'a*) ou os *ma`qil* (albacar), bastante presentes na Andaluzia Oriental e Região Valenciana (Acién Almansa, 1989: 140; 2001: 59; Catarino, 1997/1998: 566; Azuar Ruiz, 2013: 91).

Na impossibilidade de aplicar-se a uma realidade concreta identificada no terreno as várias terminologias referidas nas fontes árabes, torna-se necessário criar novas metodologias, tendo como finalidade definir tipologias que não colidam com as realidades materiais observáveis, mas que, pelo contrário, se articulem e coadunem com as mesmas, criando sentidos unívocos e facilmente identificáveis. A análise espacial do povoamento deve necessariamente integrar um elevado número de factores que possibilitem uma leitura histórica. Da mesma forma, o manuseamento de um elevado número de sítios, distribuídos por um território de certa amplitude geográfica dificulta, consideravelmente, a sua análise.

Para conseguir-se abordar, do ponto de vista espacial e histórico o povoamento rural deve ter-se em consideração um conjunto de variáveis que são obtidas através das relações dos sítios arqueológicos com o seu entorno geográfico. Uma dessas variáveis que poderemos considerar é a potencialidade agrícola dos solos, dado o grande desenvolvimento

técnico que os muçulmanos empreenderam na agricultura, sendo este um dos critérios base à instalação de povoados. Outro aspecto a considerar é a hierarquia, uma vez que estamos a falar de uma sociedade hierarquizada, onde as várias unidades de povoamento se encontram distribuídas pelo território de uma forma organizada (*madina*, *hisn*, *qarya* e etc). Isto remete-nos para outros critérios como a extensão dos sítios e a sua altitude. A primeira pode ser determinada com base na dispersão dos materiais cerâmicos encontrados à superfície, mas também de outros elementos, como a coloração das terras, e os materiais construtivos, enquanto o segundo critério implica ter em atenção os valores altimétricos das cotas máximas e mínimas de toda a zona onde se situa o núcleo de povoamento.

Por outro lado, a Idade Média é caracterizada por uma época de conflitos entre duas religiões mas, também, dentro de uma mesma religião, o que implicava a instalação de fortificações em zonas elevadas onde se poderia ter uma boa visibilidade do território envolvente, sendo portanto o controlo visual e a distância em relação a outro assentamento outros dos critérios fundamentais para a caracterização das várias unidades de povoamento. Deve-se, igualmente, ter em conta outros aspectos que possam remeter para a funcionalidade dos sítios arqueológicos, como a sua localização (próximo de vias de comunicação, pedreiras, minas etc.), os materiais que são encontrados à superfície, sendo importante tentar perceber se determinadas formas prevalecem em detrimento de outras, e a toponímia.

Para além das lacunas mencionadas, é importante referir, no que diz respeito às es-

truturas de tipo *husun*, tal como as *bury* ou *tali'a* (torres atalaia), que são ainda desconhecidos, na maioria dos casos, os autores responsáveis pela edificação destas construções. Permanece, por isso, a dúvida em torno desta questão, não se sabendo se seriam obras edificadas pelas comunidades rurais ou, se pelo contrário, seriam mandadas construir pelo poder governativo das cidades ou, possivelmente, até por iniciativa do emir ou califa. Para algumas regiões do *Sharq al-Andalus*, como é exemplo o território de Bobastro em Málaga, graças às fontes islâmicas, sabe-se que grande parte das fortificações foram aí erguidas, durante a 1ª *fitna*, por iniciativa do muladi *Ibn Hafsun* (Martínez Enamorado, 1996: 33-34).

Todavia, para grande parte das regiões onde as fontes são omissas, não se sabe a autoria destas construções, sendo, por isso, necessário reflectir em torno da funcionalidade daquelas. Claramente estas estruturas teriam uma função defensiva face ao clima de instabilidade que se vivia na Idade Média, todavia atribuir-lhes uma datação precisa, conhecer a sua real funcionalidade e estabelecer a sua relação, seja com um poder estatal ou com as comunidades campesinas, é algo que só é possível com a realização de intervenções arqueológicas, dado que somente a realização de prospecções de superfície não permitem responder a estas questões.

Alguns investigadores defendem que estas estruturas seriam inteiramente da autoria das comunidades campesinas que as construíam para se refugiarem com o seu gado em caso de perigo. Segundo Juan Castillo Armenteros (1998b: 144-145) o facto de as várias alcarias e outras unidades de menor dimensão se organizarem em redor destas

fortificações, justifica essa premissa, logo aquelas estruturas não teriam qualquer vinculação estatal.

Em contrapartida, outros investigadores defendem que estes recintos militares teriam uma dupla funcionalidade, ou seja, por um lado serviam de refúgio às comunidades campesinas face a uma ameaça exterior e, por outro, protegiam também o governador local. Quanto às torres atalaia, tinham como função o controlo e vigilância da paisagem envolvente onde, através da comunicação entre si, formavam uma rede defensiva que protegia os núcleos urbanos e os castelos rurais, sendo a sua construção, em alguns casos, de iniciativa estatal, como é exemplo Granada onde, por iniciativa do sultão Muhammad I, foram construídas torres atalaia, entre os séculos XIII-XIV, com a finalidade de conceder protecção às alcarias dispersas no território da Vega, mas também impedir a sua tomada pelos exércitos cristãos (Sénac, 1991: 397; Torró, 1998: 398; Jiménez Puertas, 2002b: 393-394; Paulo, 2006: 141; Albero Santacreu, 2011: 153).

No que respeita ainda a estas estruturas parece existir uma clara diferenciação entre as torres circulares e as quadrangulares. As primeiras estão normalmente situadas em cerros muito altos, sem estruturas agregadas, com um grande raio de amplitude visual, comunicando-se entre si, e sendo visíveis a grandes distâncias. Funcionariam, desde modo, como torres atalaia associadas ao poder estatal e que terão sido erguidas principalmente a partir do século X (Lorenzo Jiménez *et alii*, 2008: 243-259). Juntamente com aquelas surgem as torres quadrangulares, geralmente localizadas a meia encosta ou nas partes mais baixas das montanhas,

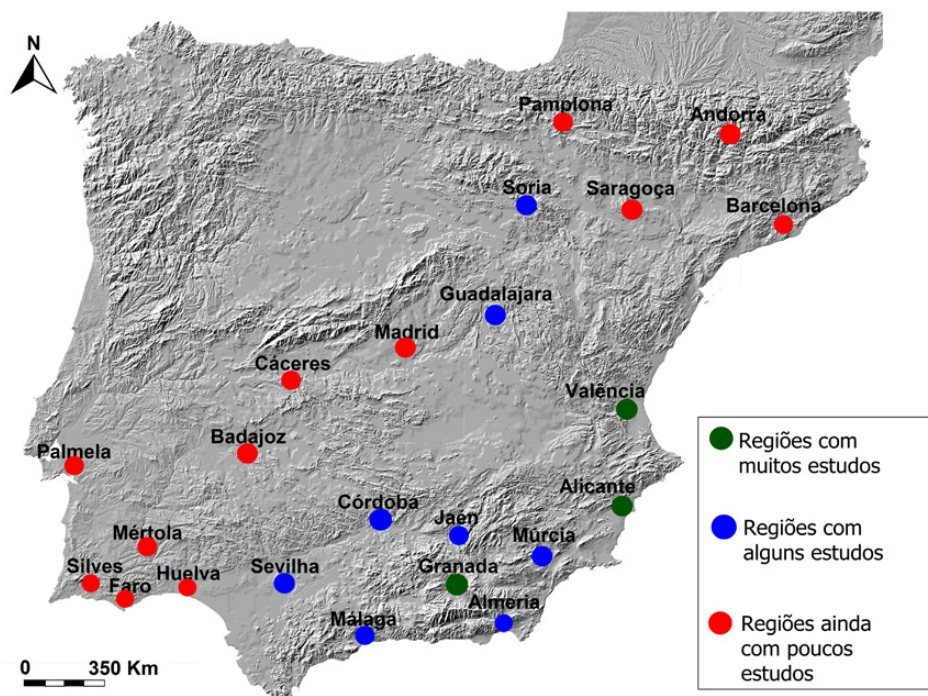


Fig. 1. Mapa da Península Ibérica com identificação das áreas geográficas que têm sido objecto de estudo.

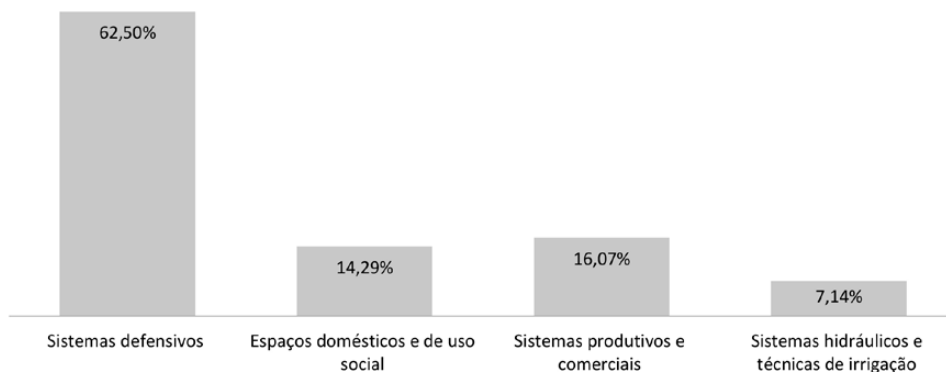
próximas de aldeias e dos recursos naturais, e que aparentam estar associadas aos camponeses que as edificavam com o intuito, não só de defender o território mais imediato, mas também os excedentes produtivos. Todavia, trata-se de uma temática que entra em contradição, uma vez que no território da Marca Média, nomeadamente em Membrillera, província de Guadalajara, numa torre de planta circular, denominada “Casilla de los Moros”, com grande raio de visibilidade da paisagem envolvente, foi encontrado um silo, justificando, assim, a sua necessidade construtiva com a finalidade de proteger o que albergava no seu interior. Associada à mesma estava uma muralha e restos de cerâmicas na sua envolvência, denunciando, deste modo,

um sistema mais complexo de que uma simples torre atalaia para vigilância e controlo do território (Contreras Ruiz, 2013: 379).

Para terminar este tópico mostramos um mapa da Península Ibérica que exhibe as regiões que têm sido alvo de investigações, desde as menos às mais analisadas, ao longo das últimas décadas (Fig. 1), assim como um gráfico que expõe a proporção das estruturas estudadas dentro do tema que aqui se aborda (Fig. 2). É perceptível naquele que a maior incidência de investigação recai nos sistemas defensivos (62,50%), onde se insere as fortificações e torres, seguido dos sistemas produtivos e comerciais (16,07%), onde incluímos os parcelários agrícolas e as cerâmicas, estando logo a seguir os espaços



## Povoamento Rural Islâmico - Temáticas abordadas



**Fig. 2.** Gráfico com a proporção das estruturas estudadas no âmbito do povoamento rural islâmico.

domésticos e de uso social (14,29%), que abrange os distintos compartimentos de habitações particulares e de outros edifícios de uso comunitário, e, por último, os sistemas hidráulicos e técnicas de irrigação (7,14%).

### SÍNTESE

Os estudos de arqueologia espacial, análise do território e do seu povoamento direccionados para o Período Medieval Muçulmano, ao contrário daquilo que se verifica no actual território espanhol, encontram-se praticamente por fazer em Portugal. A maioria dos estudos têm sido dirigidos para os núcleos urbanos, achando-se o espaço rural um pouco marginalizado, não se conhecendo por isso a organização e distribuição espacial dos distintos núcleos de povoamento, assim como os modos de vida e de exploração do território por parte das populações campestres que habitavam grande parte do *Gharb al-Andalus*.

Ao olharmos para a vizinha Espanha constatamos alguns avanços na temática, que têm vindo a surgir nos últimos anos, com incidência para algumas regiões como Valência e, sobretudo, Granada onde se testemunha uma aposta nos estudos dos assentamentos rurais, assim como das técnicas agrícolas e sistemas hidráulicos a eles associados. Torna-se fundamental a criação de novos projectos que se direccionam para o mundo rural muçulmano, que visem conhecer os territórios dominados pelas cidades, os seus intercâmbios comerciais, os distintos núcleos de povoamento, os campos de cultivo e técnicas de irrigação. Não se construíam cidades onde não existisse um território amplamente rico e, só poderemos compreender a sua história, através do seu território. Desde modo, esperamos nos próximos anos observar avanços científicos nesta área, em distintas regiões da Península Ibérica, para que possamos resolver, se não todas, pelo menos grande parte das problemáticas que permanecem inerentes a esta investigação.

---

**BIBLIOGRAFIA**


---

- ACIÉN ALMANSA, M. (1989): "Poblamiento y fortificación en el sur de Al-Andalus. La fortificación de un país de Husun", *Actas do III Congreso de Arqueología Medieval Española*, vol. I, Madrid, Asociación Española de Arqueología Medieval, 135-150.
- (1992): "Sobre la función de los Husun en el sur de al-Andalus: la fortificación en el Califato", *Colloquio hispano-italiano di archeologia medievale*, Granada, Patronato de La Alhambra y Generallife, 263-274.
- (2001): "De nuevo sobre la fortificación del emirato", en FERNANDES, I. C. (Coord.), *Mil Anos de Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*, Lisboa, Edições Colibri-Câmara Municipal de Palmela, 59-75.
- (2008): "Poblamiento y sociedad en el al-Andalus: un mundo de ciudades, alquerías y husun", en DUARTE, J. (coord.), *Cristiandad e Islam en la Edad Media hispana, XVIII Semana de Estudios Medievales*, Nájera, Instituto de Estudios Riojanos, 141-168.
- ALBERO SANTACREU, D. (2011): "Primeras aproximaciones a la organización del espacio rural durante época islámica (902-1229) en Qalbiyan (S-O de Mallorca)", *Arqueología y Territorio Medieval*, 18, 145-167.
- AZUAR RUIZ, R. (1981): *Castillología medieval alicantina: área Meridional*, Alicante, Instituto de Estudios Alicantinos.
- (1989a): *La rabita califal de la duna de Guardamar (Alicante)*, Alicante, Museo Arqueológico de Alicante.
- (1989b): *Denia Islámica: Arqueología y poblamiento*, Alicante, Instituto de Cultura "Juan Gil-Albert".
- (1994): *El castillo del Río (Aspe, Alicante): arqueología de un asentamiento andalusí y la transición al feudalismo (siglos XII-XIII)*, Alicante, Museo Arqueológico de Alicante – MARQ.
- (2013): "Arqueología de los husun en la formación y consolidación del Sharq al-Andalus (siglos VIII-X d.C)", en FERNANDES, I. C. (Coord.), *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, vol. I. Lisboa, Edições Colibri-Campo Arqueológico de Mértola, 89-100.
- BATATA, C. (2000): "Presença árabe no Castelo da Sertã (Centro de Portugal)", *Arqueologia da Idade Média na Península Ibérica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. VII, Porto, ADECAP, 435-437.
- BATALHA, L. (2009): "Cerâmica Islâmica", *A villa romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira). Trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL.s.l.*, EPAL, 21-130.
- BANHA, C. (1998): "As cerâmicas do Alto do Senhor da Boa Morte (Povos): estudo preliminar", *Cira*, 7, 75-109.
- BARCELÓ, M. (1988): "La arqueología extensiva y el estudio de la creación del espacio rural", *Arqueología medieval. En las afueras del "medievalismo"*, Barcelona, 195-274.
- (1989): "El diseño de espacios irrigados en Al-Andalus: un enunciado de principios generales", en CARA BARRIONUEVO, L. (Coord.), *El agua en zonas áridas. Arqueología e historia. Hidráulica tradicional de la provincia de Almería*, Almería, Instituto de Estudios Almerienses, 2013-2047.
- BAZZANA, A. (1987): *El yacimiento medieval de "Les Jovades" en Oliva (Valencia)*, Oliva (Valencia), Ayuntamiento.
- BAZZANA, A.; CRESSIER, P.; GUICHARD, P. (1988): *Les châteaux ruraux d'al-Andalus. Histoire et archéologie des husun du Sudest de l'Espagne*, Madrid, Casa de Velázquez.

- (1992): *Maisons d'al-Andalus. Habitat médiéval et structures de peuplement dans l'Espagne orientale*, 2 vol., Madrid, Casa de Velázquez.
- (1994): “Arqueología extensiva: métodos y algunos resultados”, *Aragón en la Edad Media: sesiones de trabajo*, Zaragoza, Universidad de Zaragoza, Departamento de Historia Medieval, Ciencias y Técnicas Historiográficas y Estudios Árabes e Islámicos, 7-27.
- BONNE, J. (1992): “The first two seasons of excavations at Alcaria Longa: a caliphal-taifal period rural settlement in the lower Alentejo at Portugal”, *Arqueologia Medieval*, 1, 111-125.
- (1993): “The first two seasons of excavations at Alcaria Longa: a caliphal-taifal period rural settlement in the lower Alentejo at Portugal”, *Arqueologia Medieval*, 2, 51-64.
- BORGES, M. O. (2017): “A importância estratégica do conhecimento do território na formação de um sistema defensivo: o caso de Sintra (Portugal) durante o Período Islâmico”, *Anuario de Historia Regional y de las Fronteras*, 22 (2), 17-48.
- BUGALHÃO, J.; FERNANDES, I. C. (2012): “A cerâmica islâmica nas regiões de Lisboa e Setúbal”, *Arqueologia Medieval*, 12, 71- 89.
- CARVAJAL LÓPEZ, J. (2008): *La cerámica de Madinat Ilbira (Atarfe) y el poblamiento altomedieval de la Veja de Granada*, Granada, Grupo de Investigación “Toponimia, Historia y Arqueología del Reino de Granada”/Ayuntamiento de Atarfe.
- CARVALHO, A. R.; FERNANDES, I. C. (1996): “Algumas Cerâmicas Muçulmanas da Lapa do Fumo (Sesimbra)”, *Sesimbra Cultural*, 5, 21-23.
- CARVALHO, A. R. (2007a): “A Torre Medieval de Santa Catarina de Sítimos: elementos para o estudo do sistema defensivo de Alcácer do Sal em contexto almôada”, *Al-madan*, II série (15), 1-7.
- (2007b): “O baixo Sado, da antiguidade tardia até à fase emiral: Algumas reflexões sobre continuidades e rupturas”, em NETO, J. L. (Coord.), *Subsídios para o Estudo da História Local*, vol. 3, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, Instituto Português de Museus e Conservação, Ministério da Cultura, 303-318.
- (2008): “A Musalla do Hisn Turrus/Torrão: uma hipótese de trabalho”, *Al-madan*, II série (16), 1-26.
- (2009): “A antiguidade tardia e a islamização da costa Sesimbrense”, em CALADO, M.; GONÇALVES, L.; FRANCISCO, R.; ALVIM, P.; ROCHA, L.; FERNANDES, R. (Coord.), *O Tempo do Risco – Carta Arqueológica de Sesimbra*, Sesimbra, Câmara Municipal de Sesimbra, 172-191.
- CASTAÑO AGUILAR, J. (2015): *Antigüedad tardía y edad media en la serranía de Ronda* (tese de doutoramento), Universidad de Granada, Recuperado de: <http://digibug.ugr.es/handle/10481/42891>
- CASTILLO ARMENTEROS, J. (1998a): *La campiña de Jaén en época emiral (s. VIII-X)*, Jaén, Universidad de Jaén.
- (1998b): “El poblamiento islámico de la Campiña de Jaén: la época emiral y el tránsito a la califal”, em SALVATIERRA CUENCA, V. (Coord.), *Hispania, Al-Andalus, Castilla*, Jaén, Universidad de Jaén, 135-158.
- CANO MONTORO, E (2012): *La región de Priego de Córdoba (Kurat Baguh) en el proceso de formación de al-Andalus (siglos VIII-XI)* (tese de doutoramento), Universidad de Granada, Recuperado de: <http://digibug.ugr.es/handle/10481/27786>
- CATARINO, H.; ARRUDA, A. M.; GONÇALVES, V. (1981): “Vale do Bôto: escavações de 1981 no complexo árabe-medieval”, *Clio*, 3, 9-28.
- CATARINO, H. (1997/1998): *O Algarve Oriental Durante a Ocupação Islâmica: Povoamento Rural e Recintos Fortificados*, 3 vol. Al -ulyã, Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 6.
- COELHO, C. (2006/2007): “Ruínas arqueológicas de São Miguel de Odrinhas: a propósito da campanha de 1997”, *Arqueologia e História*, 58-59, 119-142.
- CONTRERAS RUIZ, G. (2013): *Los valles del alto Henares en época Andalusí: la organización del poblamiento y su relación con las explotaciones*

- salineras (siglos VIII-XII)* (tese de doutoramento), Universidad de Granada, Recuperado de: <http://digiubug.ugr.es/handle/10481/29970>
- CORREIA, F. B.; PICARD, C. (1992): “Intervenção arqueológica no Castelo de Juromenha”, *Arqueologia Medieval*, 1, 71-89.
- CRESSIER, P. (1984a): “Le chateau et la division territoriale dans l'Alpujarra médiévale: hisn à la Ta'a”, *Melanges de la Casa de Velázquez*, 20, 115-144.
- (1984b): “Las fortalezas musulmanas de la Alpujarra (provincias de Granada y Almería) y la división político-administrativa de la Andalucía oriental”, *Arqueología espacial*, 5, 179-200.
- (1992a): “El poblamiento medieval de la sierra de los flabres (Almería): primeros resultados”, *Estudios de arqueología medieval en Almería*, Instituto de Estudios Almerienses, 175-192.
- (1992b): “Dalías y su territorio: un grupo de alquerías musulmanas de la baja alpujarra (provincia de Almería)”, *Estudios de arqueología medieval en Almería*, Instituto de Estudios Almerienses, 89-120.
- DAZA PARDO, E. (2015): *Técnicas y materiales de la construcción fortificada altomedieval en el centro de la Península Ibérica: métodos de análisis a través de la arqueología y la historia de la construcción* (tese de doutoramento), Universidad Politécnica de Madrid: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Recuperado de: <http://oa.upm.es/40100/>
- DOMÍNGUEZ BERENJENO, E. (2005): “Investigaciones histórico-arqueológicas en el Complejo Fortificado de Alcalá de Guadaíra”, *Castillos de España*, Asociación Española de Amigos de los Castillos, 136, 17.
- (2008): “Sevilla y las fortificaciones fluviales del Guadalquivir”, *Las fortificaciones y el mar*, Ayuntamiento de Alcalá de Guadaíra, 231-250.
- FERNANDES, I. C. (2004): *O Castelo de Palmela do islâmico ao cristão*, Lisboa, Edições Colibri.
- FERNANDES, I. C. ; CARDOSO, J. L. ; ANDRÉ, M. (2009): “Cerâmicas muçulmanas do Centro Histórico de Oeiras”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, 97-115.
- FERNANDES, I. C.; SANTOS, M. T. (2012): *Palmela Arqueológica no contexto da região interestuarina Sado-Tejo*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela.
- FERREIRA, L. (2009): *Da Pedra ao Acorde – O Castelo de Sesimbra*, Lisboa
- FERREIRA, M.; LOBÃO, J. C.; CATARINO, H. (2012): “Cerâmicas Altomedievais do Castelo de Trancoso – uma primeira abordagem”, *Arqueologia Medieval*, 12, 15-31.
- FRANCO MORENO, B. (2004): “Territorio y poblamiento en la Kura de Marida durante el emirato omeya (siglos VIII-XII-IV)”, *Espacio, Tiempo y Forma, Historia Medieval*, 17, série 3, 167-184.
- (2008): *De Emerita a Marida - El territorio emeritense entre la Hispania Gothorum y la formación de al-Andalus (ss. VII-X): transformaciones y pervivencias* (tese de doutoramento), Universidad Nacional de Educación a Distancia de Madrid, Recuperado de: <http://e-spacio.uned.es/fez/view.php?pid=tesisuned:GeoHis-Bfranco>
- (2011): “El territorio de Mérida en época islámica (s. VIII-XIII)”, en MATEOS CRUZ, P. (Coord.), *Actas Congreso Internacional 1910-2010: El Yacimiento Emeritense*, Mérida, 639-660.
- (2014): “Poblamiento y territorio en el occidente de al-Andalus en época omeya”, en ZOZAYA, J.; SCHAEFER, G. (Coord.), *Bataliús III*, Badajoz, 111-134.
- GAMITO, T. J. (1994): “O povoamento islâmico da Serra do Caldeirão. O caso da Aldeia dos Mouros (Vaqueiros, Alcoutim)”, en CAMPOS CARRASCO, J.; PÉREZ MACÍAS, J.; GÓMEZ, F. (Coord.), *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana. Encuentro Internacional de Arqueología del sudoeste*, Huelva, 545-563.

— (2007): *O Algarve e o Magreb (711-1249)*, Universidade do Algarve.

GARCÍA GANDÍA, J. (2005): “Território rural islâmico en la Marina Baixa”, en LEÓN, J.; RUIZ, A. (Ed.), *1<sup>as</sup> Jornadas sobre la actualidad del patrimonio arqueológico y etnográfico de la Marina Baixa*, Elche, 9-15.

GILLOTTE, S. (2001): “La Villeta de Azuquén : une fortification du Xe-XIe siècle dans la région de Trujillo”, en FERNANDES, I. C. (Coord.), *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500) - Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Lisboa, Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 825-832.

— (2010) : *Aux marges d’al-Andalus. Peuplement et habitat en Estrémadure centre-orientale (VIII-XIIIe siècles)*, Helsinki.

— (2011): “El yacimiento de Albalat en el contexto del poblamiento medieval en el norte de Extremadura”, en FRANCO MORENO, B.; ALBA CALZADO, M.; FEIJOO MARTÍNEZ, S. (Coord.), *Frontera inferior de al-Andalus*. Mérida Consorcio Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica, 147-164.

GOMES, M. V. (1998): “Cerâmicas islâmicas do poço da Hortinhola (Moncarapacho, Olhão)”, en DIOGO, J.; ABRAÇOS, H. (Coord.), *Actas das 2<sup>a</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, 33-41.

GOMES, R. V. ; ASSUNÇÃO, V. T.; MIRANDA, M. J. (2001): “Povoado Muçulmano na Ponta do Castelo (Aljezur): notícia preliminar”, *Al Madan*, 10 (2), 200-201.

GOMES, R. V.; SILVA, C. T. (2001): “Primeiros resultados das escavações arqueológicas no Castelo de Aljezur”, en FERNANDES, I. C. (Coord.), *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500) - Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*, Lisboa, Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 347-356.

GOMES, R. V. (2002): *Silves (XeIb) uma Cidade do Gharb Al-Andalus: Território e Cultura*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

— (2011): “El Mundo Rural En El Sur Del Actual Territorio Portugués (Siglos XII-XIII)”, en SABATÉ, F. (Dir.), *Arqueologia Medieval – Els Espais De Secà*, IV, Lleida, Agira, 99-116.

GOMES, M. V. ; GOMES, R. V. (2013a): “Castelo Belinho - Uma residência fortificada almoada”, en FERNANDES, I. C. (Coord.), *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, vol. I, Lisboa, Edições Colibri-Campo Arqueológico de Mértola, 141-152.

— (2013b): “Torre de Odeceixe - Um novo tipo de arquitectura militar (sécs. XII-XIII)?”, en FERNANDES, I. C. (Coord.), *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, vol. I, Lisboa, Edições Colibri-Campo Arqueológico de Mértola, 153-161.

GÓMEZ BECERRA, A. (1998): *El poblamiento al-tomedieval en la costa de Granada*, Granada.

— (2000): “La alquería de Batarna (siglos X-XII). Aportaciones de la arqueología al estudio de un asentamiento rural islâmico de la costa de Granada”, *Revista del Centro de Estudios Históricos de Granada y su Reino*, 13-14, 191-225.

GÓMEZ MARTÍNEZ, S. ; GRANGÉ, M. ; LOPES, G. (2012): “A cerâmica islâmica no Alentejo”, *Arqueologia Medieval*, 12, 109-119.

GONÇALVES, M. J. (2012): “O Barlavento Algarvio”, *Arqueologia Medieval*, 12, 163-168.

GUICHARD, P. (1977): *Structures sociales orientales et occidentales dans l’Espagne musulmane*. Paris, ED. Mouton.

— (1983) : “Geographie historique et histoire sociale des habitats fortifiés ruraux de la région valencienne”, *H.F.O.E.M.M, Travaux de la Maison de l’Orient*, 4, 87-93.

GUERRA, A.; FABIÃO, C. (1993): “Uma fortificação omíada em Mesas do Castelinho (Almodôvar)”, *Arqueologia Medieval*, 2, 85-102.

GUTIÉRREZ LLORET, S. (1996): *La Cora de Tudmir. De la antigüedad tardía al mundo islâmico. Poblamiento y cultura material*, Madrid.

- GUTIÉRREZ LLORET, S.; GRAU MIRA, I. (2013): *De la estructura doméstica al espacio social. Lecturas arqueológicas del uso social del espacio*, Alicante
- GLICK, T. (1988): *Regadío y sociedad en la Valencia medieval*, Valencia.
- (1995): *From Muslim fortress to Christian Castle: Social and cultural change in medieval Spain*. Manchester-New York, Manchester University Press.
- GRILO, C.; MARTÍNEZ GÓMEZ, S.; MARQUES, J. (2014): “Alqueva entre Roma e o Islão: o povoamento rural na Antiguidade Tardia e inicio da Época Islâmica”, en GÓMEZ MARTÍNEZ, S.; MACIAS, S.; LOPES, V. (Coord.), *O sudoeste peninsular entre Roma e o Islão = Southwestern Iberian Peninsula between Rome and Islam*, Mértola, Campo Arqueológico, 189-243.
- HERNÁNDEZ CHARRO, M. (2006): “Agua y poblamiento: Notas sobre la configuración del territorio de Tudela andalusí”, *Studia historica. Historia medieval*, 24, 315-339.
- (2007): “Las transformaciones de la medina de Tudela y su impacto en el paisaje rural andalusí a raíz de la conquista Cristiana: una cuestión sobre la organización de los sistemas y recursos acuíferos”, en ARÍZAGA BOLUMBURU, B.; SOLÓRZANO TELECHEA, J. (Coord.), *La ciudad medieval y su influencia territorial*, Logroño, Instituto de Estudios Riojanos, 381-394.
- JIMÉNEZ PUERTAS, M. (2002a): *El poblamiento del territorio de Loja en la Edad Media*, Granada, Universidad de Granada.
- (2002b): “Asentamientos Rurales y Frontera: Las Torres de Alquería de la Tierra de Loja en Época Nazarí”, en TRILLO SAN JOSÉ, C. (Coord.), *Asentamientos rurales y territorio en el Mediterráneo medieval*, Granada, Athos-Pérgamos, 390-421.
- LOPES, C.; ALFENIM, R. (1994): “A vila romana do Monte da Cegonha”, en CAMPOS CARRASCO, J.; PÉREZ MACÍAS, J.; GÓMEZ, F. (Coord.), *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana, Encuentro Internacional de Arqueología del sudoeste*, Huelva, Universidad de Huelva, 485-502.
- LOPES, G. (2001): “Cerâmicas Medievais da Torre de Menagem do Castelo de Leiria”, *Torre de Menagem do Castelo de Leiria*, Leiria, Câmara Municipal de Leiria, 31-37.
- LÓPEZ ELUM, P. (1994): *La alquería islámica en Valencia. Estudio arqueológico de Bofilla: siglos XI a XIV*, València.
- LÓPEZ CUEVAS, F. (2013): “La Almunia Cordobesa, entre las fuentes historiográficas y arqueológicas”, *Revista Onoba*, 1, 243-260.
- (2014): “Las almunias de Madinat Qurtuba. Aproximación preliminar y nuevos enfoques”, *Anahgramas*, 1, 161- 207.
- LORENZO JIMÉNEZ, J. (2006): “Arqueología y espacios productivos en el Bajo Arga: la formación del parcelario y del regadío”, *Trabajos de arqueología Navarra*, 19, 407-429.
- (2007): “Los husún de los Banu Qasi: algunas consideraciones desde el registro escrito”, *Brocar: Cuadernos de investigación histórica*, 31, 79-106.
- LORENZO JIMÉNEZ, J.; LECANDA ESTEBAN, J.; DÍAZ GARAYO, E. (2008): “Faros y torres circulares: propuestas para el conocimiento de la efectividad del dominio islámico inicial en los territorios del alto Ebro”, en MARTÍ CASTELLÓ, R. (Ed.), *Fars de L’Islam: Antigues Alimares D’Al-Andalus. Actes del Congrés Celebrat a Barcelona i a Bellaterra els dies 9 i 10 de Novembre de 2006*, Barcelona, EDAR, 239-285.
- LUNA, I.; CARDOSO, G. (2002): “Escavações arqueológicas nos Paços dos Concelhos de Torres Vedras”, *Al-madan*, 11 (2), 252.
- MALPICA CUELLO, A. (1996): *Poblamiento y castillos en Granada*, Madrid
- (1999): “El paisaje del mundo rural andalusí. Bases descriptivas para su análisis”, *PH: Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico*, 27, 146-153.

- (2000): “Los asentamientos y el territorio del valle del río Castril en época medieval”, en JORGE, V. O. (Coord.), *Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica*, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, VII, Porto, ADECAP, 281-302.
- (2003): *Los castillos en al-Andalus y la organización del territorio*, Badajoz
- (2006): “Un asentamiento fortificado en la frontera nazarí-castellana: Castril de la Peña”, *Studia histórica. Historia Medieval*, 24, 197 – 225.
- (2014): *Las Últimas Tierras de Al-Andalus: Paisaje y Poblamiento del Reino Nazari de Granada*, Granada.
- MARTÍN CIVANTOS, J. (2002): “Ensayo de análisis comparativo de técnicas, materiales y tipos constructivos en las fortificaciones medievales del Zenete (Granada)”, *Miscelánea medieval murciana*, 25-26, 183-229.
- (2008): *Medio ambiente y arqueología medieval*, Granada.
- MARTÍNEZ CASTRO, A. (2003): “Breves notas sobre la funcionalidad de las torres islámicas de la campiña de Córdoba”, *Antiquitas*, 15, 79-83.
- (2010): *La Carlota: evolución histórica de un territorio*, Córdoba.
- MARTÍNEZ ENAMORADO, V. (1996): “La Terminología castral en el territorio de Ibn Hafsun”, *Actas I Congreso Internacional Fortificaciones en al-Andalus*, Algeciras, Ayuntamiento de Algeciras, Fundación Municipal de Cultura “José Luis Cano”, 33-78.
- MARTÍN CÓRDOBA, E., MELERO GARCÍA, F.; SALADO ESCAÑO, J. (2016): “El poblamiento altomedieval en la Axarquía de Málaga”, *Mainake*, 36, 289-334.
- MARTÍ, R. (2013): “Las redes de faros en Cataluña oriental: un programa edilicio del primer Estado andalusí”, en FERNANDES, I. C. (Coord.), *Fortificações e território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, vol. 1, Lisboa, Edições Colibri/Campo Arqueológico de Mértola, 19-28.
- MARTÍ, R.; NEGRE PÉREZ, J. (2014): “Fortificaciones y edilicia de prestigio en el extremo oriental de la marca superior: Turtusa y su entorno”, en CURULL, F. S.; BRUFAL, J. (Coord.), *Arqueologia medieval: la ciutat*, Barcelona, Pagès editors, 255-275.
- MARQUES, A. (2000): “Escavações Arqueológicas no castelo de Belmonte”, *Actas. Beira Interior História e Património*, Guarda, 253-286.
- MARQUES, J. (2016): *O povoamento rural no troço médio do vale do Guadiana entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média* (tese de doutoramento), Universidade de Évora, Recuperado de: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/18213>
- MELRO, S.; GONÇALVES, A.; CLÉLIA, S. (2004): “Intervenção Arqueológica nos Alcaiais dos Guerreiros de Cima”, *Era-arqueologia, revista de divulgação científica de estudos arqueológicos*, 6, 62-81.
- MORAN, E.; PARREIRA, R.; SACHEZ LIRANZO, O. (2005): “Monte Canelas (Alcalar, Portimão). Trabalhos arqueológicos de salvamento de um habitat de época islâmica no Barrocal Algarvio”, *Xelb*, 5, 133-156.
- NAVARRO LUENGO, I.; BRAVO JIMÉNEZ, S.; FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, L.; SUÁREZ PADILLA, J. (1998): “Turrus Jusayn y Munt Nis: una propuesta de identificación para dos fortificaciones hafsuníes en la costa occidental malagueña”, *I Congreso Internacional Fortificaciones en Al-Andalus*, 433-440.
- NEVES, M. J.; FÉLIX, P.; GAMEIRO, C.; DIAS, G. (2009): *Casal do Mortal/Terrenos do futuro hospital de Loures – Sondagens prévias para diagnóstico arqueológico. Relatório Final de Intervenção de Arqueologia Preventiva*, Coimbra, Dryas Arqueologia, Processo 2003/1(528), Arquivo de Arqueologia, IGESPAR, IP.
- NOLEN, J. (1994): *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares (Balsa) incluindo o espólio ósseo e medieval*, Lisboa, Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.

- PAULO, L. C. (2006): *Tavira Islâmica. A Cidade e o Território* (tese de mestrado), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- PEREIRA, M. (2012): “Cerâmicas islâmicas do Castelo de Montemor-o-Novo”, *Arqueologia Medieval*, 12, 121-128.
- PÉREZ MACÍAS, J. (2002): *El poblamiento andalusí en la campiña de Bonares (Huelva)*, Bonares, Ayuntamiento de Bonares.
- (2013): “El asentamiento rural almohade de la Alquería (Hinojos, Huelva)”, en JIMÉNEZ AVILA, J.; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; GARCÍA CABEZAS, M. (Coord.), *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Villafranca de los Barros - Ayuntamiento de Villafranca de los Barros, 2053-2072.
- PÉREZ AGUILAR, L. (2013): “Problemas metodológicos en el estudio del mundo rural andalusí”, *Medievalista*, 14.
- PIRES, A.; FERREIRA, M. (2003): “Povoado Islâmico da portela 3: Resultados preliminares”, *Xelb*, 5, 279-306.
- PONTE, S.; FERREIRA, R.; MIRANDA, J. (2002): “Intervenção Arqueológica no castelo de Tomar”, en FERNANDES, I. C. (Coord.), *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magrebe (500-1500)*. *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 423-438.
- QUESADA, T. (1994): *El paisaje rural en la campiña de Jaén en la baja edad media segun los Libros de las Dehesas*, Jaén.
- (1995) “Formas de poblamiento en un área rural de Al-Andalus: el valle del río Jandulilla”, *Arqueología y territorio medieval*, 2, 5-24.
- (1998): “Poblamiento y fortificación del territorio en los siglos XII-XIII. El caso de las sierras meridionales de Jaén”, en MALPICA CUELLO, A. (Coord.), *Castillos y territorio en Al-Andalus*, Granada, 141-163.
- REGO, M. (2003): “A ocupação islâmica de Noudar”, *Arqueologia Medieval*, 8, 69-82.
- RETUERCE VELASCO, M. (1984): “Cerâmicas islâmicas procedentes de Torete (Guadalajara): nuevos datos sobre los grupos cerámicos de la Marca Media”, *Boletín de la Asociación Española de Orientalistas*, 20, 339-357.
- (1986): “Cerâmica islâmica de Cidade das Rosas, Serpa (Portugal)”, en ZOZAYA, J. (Coord.), *Actas del segundo Coloquio Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo Occidental*, Madrid, 85-92.
- RETUERCE VELASCO, M., COBOS GUERRA, F. (2004): “Fortificación islámica en el Alto Duero versus fortificación cristiana en el Alto Duero”, en CASA MARTÍNEZ, C.; MARTÍNEZ, Y. (Coord.), *Cuando las horas primeras: en el Milenario de la Batalla de Calatañazor*, Soria, 229-257.
- SANTOS, F. (2007): “O povoado islâmico dos alcarias de Odeleite. Uma Qarya no Algarve Oriental. Primeiro resultados”, *Vipasca - Arqueologia e História*, 2 (2), 571- 589.
- SABROSA, A.; HENRIQUES, F.; SOARES, I. (2005): “A “Alcaria” de Arge – Portimão”, *Xelb*, 5, 201- 212.
- SANCHEZ ROMERO, A.; MOLINA DELGADO, J. (1994): *Torreones y Fortificaciones en el Sur de Córdoba*. Córdoba, Cajasur Publicaciones.
- SÉNAC, P. (1988): “Note sur les Husun de Léri-da”, *Melanges de la Casa de Velázquez*, 24, 53-70.
- (1991): “Poblamiento, hábitat rurales y sociedad en la Marca Superior de al-Andalus”, *Aragón en la Edad Media*, 9, 389-402.
- (2007) : “Paysans et habitats ruraux de la Marche Supérieure d'al-Andalus données des textes et de l'archéologie”, *Movimientos migratorios, asentamientos y expansión, (siglos VIII-XI)*, XXXIV Semana de Estudios Medievales, Estella, Navarra, Gobierno de Navarra - Institución Príncipe de Viana, 77-104.



- (2012) : “De la madîna à l’almunia. Quelques réflexions autour du peuplement musulman au nord de l’Èbre”, *Annales du Midi: revue de la France méridionale*, 278, 183-201.
- SILVA, A. R. (1997): “A cerâmica medieval da Gruta do Caldeirão, Tomar. Primeira abordagem”, en BATATA, C. (Coord.), *Tomar (as origens de) - Carta arqueológica do concelho*, Tomar, Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar, 313-319.
- SILVA, A. R.; BARBOSA, P. G. (2003): “Cerâmica de tradição muçulmana da villa romana de Frielas (Loures)”, *Arqueologia Medieval*, 8, 109-127.
- SILVA, A.; SILVA, R. (2005): “Resultados da Intervenção no Sítio Arqueológico de Barradas (Odiáxere, Lagos)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 8, nº 2, 55-106.
- SILVÉRIO, S. (2001): *Sítios Islâmicos de Alcaria – Aljezur (séculos VIII-XIII). Memórias Arqueológicas 1*, Aljezur, Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur/Câmara Municipal de Aljezur.
- SOARES, A. M. ; BRAGA, J. R. (1986): “Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no Castelo de Serpa”, *Arquivo de Beja*, 2ª série, Vol. III, 167-198.
- SOARES, J. (2002): “MAEDS – Trabalhos arqueológicos, novas estratigrafias para a história de Setúbal”, *Al-madan*, 11, 250-251.
- TAHIRI, A. (2001): *Agricultura y poblamiento rural en Sevilla durante la época ‘Abâdî*, Sevilla.
- TORRÓ, J. (1990): *Poblament i espai rural. Transformacions històriques*, Valencia, Edicions Alfons el magnànim, Institutio Valenciana d’Estudis e Investigació.
- (1998): “Fortificaciones en Yibäl Balansiya. Una propuesta de secuencia”, en MALPICA CUELLO, A. (Coord.), *Castillos y territorio en Al-Andalus*, Granada, Athos-Pérgamos, 385-418.
- TRILLO SAN JOSÉ, C. (2003a): *Agua y paisaje en Granada: una herencia de Al-Andalus*, Granada, Sección de Publicaciones, Diputación de Granada.
- (2003b): *Una sociedad rural en el Mediterraneo medieval: el mundo agrícola nazarí*, Granada, Alvarez García.
- (2004): *Agua, Tierra y Hombres en Al-Andalus: La dimensión agrícola del mundo nazarí*, Granada, Ajbar.
- ZOZAYA, J. (2004): “Asentamientos islámicos en la región de Madrid”, en TURINA GÓMEZ, A.; PÉREZ NAVARRO, A.; QUERO CASTRO, S. (Coord.), *Testimonios del Madrid medieval: el Madrid musulmán*, Madrid, Ayuntamiento de Madrid, Museo de San Isidro, 43-79.
- (2005): “Toponimia árabe en el Valle del Duero”, en BARROCA, M.; FERNANDES, I. C. (Coord.), *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII). Actas dos Seminários realizados em Palmela, 14 e 15 de Fevereiro de 2003, Porto, 4 e 5 de Abril de 2003*, Lisboa, Câmara Municipal de Palmela, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 17-42.